

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

EDUCAÇÃO, VIOLÊNCIA E SOCIEDADE: EFEITOS DAS MÍDIAS E DAS REDES SOCIAIS NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

DOI: 10.5281/zenodo.14879176

Aécio Fernandes Filho¹

Ana Teresa da Penha Umbelino Gomes²

Wandeanna Santos Queiroz³

RESUMO: Esse artigo aborda a complexa relação entre os processos educacionais, a violência e as influências midiáticas contemporâneas. O objetivo geral foi analisar os efeitos das mídias e das redes sociais na formação do indivíduo, considerando as relações entre educação, violência e sociedade, com o intuito de compreender como essas plataformas influenciam valores, comportamentos e a convivência social. As mídias e as redes sociais hoje estão ao alcance de crianças e adolescência, impactando, na formação do indivíduo, moldando valores, crenças e comportamentos. Isso levanta questões sobre o impacto positivo ou negativo dessas plataformas, especialmente em relação à educação e à convivência social. A educação responsável pelo desenvolvimento crítico e ético do indivíduo, agora se vê desafiada pelas influências das mídias. A metodologia foi através de uma pesquisa bibliográfica com uma abordagem qualitativa, pois os autores têm familiaridade com o objeto de estudo. Os resultados mostraram que redes sociais, muitas vezes, priorizam conteúdos rápidos, superficiais e, em muitos casos, violentos ou polarizadores, criando uma realidade distorcida que afeta a percepção dos jovens sobre o mundo ao seu redor. A conclusão foi de que isso pode levar à normalização da violência, do discurso de ódio e da desinformação, prejudicando o processo educacional e comprometendo a formação de cidadãos críticos e conscientes.

Palavras-chave: Educação; mídias e redes sociais; formação do indivíduo.

¹ Professora efetiva da rede estadual de ensino da Paraíba. Graduada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB/ Graduada em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior Múltiplo- CESM/Pós Graduada em Supervisão e Orientação Educacional pelo Cintep - Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa/ Pós Graduada em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar pela Faculdade de Administração, Ciências e Letras-FACEL/Mestra em Ciências da Educação pela World University Ecumenical e doutora em Ciências da Educação pela Universidad Martin Lutero -UML. E-mail: anamariafariasribeiro@ gmail.com

² Professora efetiva de Inglês no município de Cural de Cima. Graduada em Letras - habilitação Português/Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB/ Pós Graduada em Psicopedagogia pela Faculdade SPEI-FACSPEI/ Mestra em Ciências da Educação pela Universidad Martin Lutero- UML/ Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Martin Lutero -UML. email: mcaguiarribeiro@hotmail.com

³ Gestora pedagógica e supervisora escolar na rede municipal de Cural de Cima. Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), especialista em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras Facel, mestra em Ciências da Educação pela Universidade Martin Lutero. E- mail:vandilzadiaz1103@gmail.com

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

1 INTRODUÇÃO

A relação entre educação, violência e sociedade é um tema central para entender as complexas dinâmicas que influenciam a formação do indivíduo nos dias atuais. A sociedade contemporânea, cada vez mais interconectada, tem sido profundamente impactada pelas mídias tradicionais e pelas redes sociais, que, por consequência, interfere na formação de atitudes, valores e comportamentos. A educação, enquanto instrumento primordial de socialização e desenvolvimento, se vê desafiada por novas formas de violência, muitas vezes promovidas ou ampliadas por essas plataformas.

A exposição constante a conteúdos agressivos ou polarizadores pode influenciar a percepção dos indivíduos sobre o mundo e suas relações interpessoais. Além disso, as redes sociais, ao promoverem uma troca acelerada de informações, também favorecem a disseminação de discursos de ódio, preconceito e agressividade, afetando diretamente a formação moral e ética dos jovens. Assim, é necessário compreender como essas influências digitais impactam o processo educativo, moldando a identidade dos indivíduos e alterando os padrões de convivência social.

Na vertente dessa discussão, o artigo objetiva, de forma geral, analisar os efeitos das mídias e das redes sociais na formação do indivíduo, considerando as relações entre educação, violência e sociedade, com o intuito de compreender como essas plataformas influenciam valores, comportamentos e a convivência social. E, especificamente, se propõe a investigar como as mídias e as redes sociais contribuem para a disseminação de comportamentos violentos e discursos de ódio, afetando o processo de socialização e a formação ética dos indivíduos; analisar a relação entre educação, violência e sociedade; discorrer sobre a violência escolar e sob o panorama da toxicidade das mídias sociais.

Os resultados da pesquisa indicam que as redes sociais, em muitas ocasiões, priorizam conteúdos rápidos e superficiais, que muitas vezes são violentos, polarizadores ou manipulativos. Esses conteúdos contribuem para a criação de uma realidade distorcida, na qual os jovens se veem imersos, impactando diretamente sua percepção sobre o mundo e suas relações interpessoais.

Estruturalmente, o texto será dividido em três partes, inicialmente, a introdução, na segunda, o desenvolvimento, que constou da violência escolar e a toxicidade das mídias sociais, de comportamentos violentos e discursos de ódio, educação, violência e sociedade na relação

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

desses elementos no processo de socialização e formação ética dos indivíduos, impacto das redes sociais na projeção da violência escolar, na terceira parte, encontram-se as considerações finais.

2. A VIOLÊNCIA ESCOLAR E A TOXIDADE DAS MÍDIAS SOCIAIS: comportamentos violentos e discursos de ódio

A seção seguinte trata da violência escolar e a toxidade das mídias sociais, na perspectiva de comportamentos violentos e discursos de ódio, educação, violência e sociedade na relação desses elementos no processo de socialização e formação ética dos indivíduos. O texto ainda traz o impacto das redes sociais na projeção da violência escolar, sendo finalizado com as considerações finais.

2.1 A DISSEMINAÇÃO DO ÓDIO NAS MÍDIAS E NAS REDES SOCIAIS

As mídias sociais podem ser descritas como espaços de divulgação de conteúdos, enquanto as redes sociais constituem estruturas sociais formadas por indivíduos ou organizações conectados por diversos tipos de relações. As mídias sociais abrangem plataformas nas quais as pessoas buscam informações e conteúdos específicos, funcionando como canais para a disseminação descentralizada de mensagens e dados. No entanto, redes sociais como Facebook, Instagram, substituído pelo X, TikToke, YouTube e WhatsApp fazem parte desse universo, pois estão inseridas no conceito mais amplo de mídias sociais (Recuero, 2017).

As redes sociais são plataformas que facilitam a interação entre grupos de pessoas, geralmente unidas por afinidades, interesses, valores ou objetivos comuns. De acordo com Santos E. e Santos S. (2019, p. 310), as redes sociais digitais oferecem um ambiente virtual de possibilidades, em que as relações entre os usuários se desenvolvem no ciberespaço. O avanço tecnológico, impulsionado pela conexão entre computadores e celulares, ampliou o conceito de "rede" para incluir suas dimensões sociais, criando laços entre indivíduos que buscam apoio, referências, informações e um senso de pertencimento. Esta pesquisa apresentou um dado, no qual os estudantes consideram que a violência mais comum na escola pesquisada, ocorre por meio das redes sociais, ou seja, o *cyberbullying*.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

O conceito de "rede" reflete esses vínculos, que conectam pessoas em busca de suporte e troca de informações. A comunicação boca a boca, tradicionalmente a forma mais rápida e direta de troca de informações, encontra nas redes sociais um novo aliado, permitindo que pessoas que nunca se encontraram pessoalmente desenvolvam um sentimento de proximidade em ambientes virtuais (Santos; Santos, 2019; Recuero, 2017). No contexto da violência escolar, essas interações digitais podem reforçar comportamentos de exclusão e *bullying*, criando novos desafios para a prevenção da violência e o fortalecimento de um ambiente escolar saudável.

Franco (2012, p. 117) argumenta que as redes sociais são formadas por “ao mesmo tempo, produto e produtora de interações, ou seja, a rede influencia e é influenciada a posição de seus usuários”. De maneira similar, Souza (2017) e Volpato (2022) também ressaltam essa convergência entre os ambientes presencial e digital. As redes sociais podem ser vistas sob duas perspectivas: redes inteiras (Whole Networks), que mapeiam a identidade social de um grupo com base em suas preferências e características estruturais, e redes personalizadas (Ego-Centered Networks), que destacam o papel social de um indivíduo, como suas opiniões expressas nas redes.

Além disso, as redes sociais abrangem as interações entre pessoas, instituições ou grupos, bem como as conexões que se estabelecem entre elas. Para Recuero (2017, p. 9), as redes sociais são “simultaneamente produto e produtoras de interações”, ou seja, as redes influenciam e são influenciadas pelas ações de seus usuários. Essas interações podem ocorrer em momentos distintos, não exigindo a presença simultânea dos envolvidos. A posição de cada indivíduo dentro da rede impacta diretamente suas representações e as interações que estabelece. Quanto às conexões mantidas nas plataformas digitais, elas variam de acordo com os vínculos criados e sustentados no ambiente virtual.

As redes sociais online, por exemplo, são apresentadas através de representações dos atores sociais. Ou seja, ao invés de acesso a um indivíduo, tem-se acesso à uma representação dele. Do mesmo modo, as conexões entre os indivíduos não são apenas laços sociais constituídos de relações sociais. No meio digital, as conexões entre os atores são marcadas pelas ferramentas que proporcionam a emergência dessas representações (Recuero, 2012, p. 2).

No início do século XXI, as redes sociais se tornaram amplamente ligadas a plataformas específicas, como *Orkut*, *Snapchat*, *Twitter*, *Signal*, entre outras. Essas redes passaram a ser ambientes de interação social, mas também de conflito, o que trouxe à tona uma nova dimensão de violência escolar. A violência, que antes estava limitada ao ambiente

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

físico da escola, agora se estende para o ambiente digital, criando novas formas de *bullying* e assédio.

Nesse contexto, é importante distinguir entre mídias sociais e redes sociais: enquanto as mídias sociais se referem a canais de disseminação de conteúdo, as redes sociais envolvem a interação direta entre usuários. Essa distinção é necessária, pois as redes sociais não apenas facilitam a comunicação, mas também ampliam o alcance de práticas violentas, como o *cyberbullying*, afetando diretamente o ambiente escolar e o comportamento dos estudantes Volpato (2022). Dessa forma, o ambiente virtual, ao conectar indivíduos e ampliar as interações, também proporciona espaço para a disseminação de atitudes violentas que refletem e intensificam conflitos escolares.

De acordo com Volpato (2022), as ferramentas sociais disponíveis na internet possibilitam tornar visíveis essas estruturas sociais e influenciá-las. Redes sociais, nesse sentido, são sistemas que permitem a construção de uma "persona" por meio da criação de perfis ou páginas pessoais. *bullying*, a exclusão e os ataques virtuais, alimentados por discursos de ódio, se estendem para a vida escolar, dificultando o processo de aprendizado e o desenvolvimento de habilidades sociais.

A formação ética dos jovens, que deveria ser pautada em princípios de respeito e empatia, muitas vezes é corroída pela influência desses conteúdos, tornando a convivência social mais polarizada e menos tolerante. Esse fenômeno evidencia a necessidade de uma educação mais crítica e reflexiva, que prepare os indivíduos para distinguir entre conteúdos confiáveis e discursos nocivos, promovendo valores de respeito à diversidade e de convivência pacífica.

2.1.1 Toxicidades e seus reflexões na violência escolar

Com base na definição de toxicidade apresentada por Vieira Jr. e Prelúcio (2020), que descreve essa condição como a capacidade de um elemento se tornar prejudicial ao indivíduo por meio de suas interações, é possível observar que a exposição incessante às mídias sociais pode ter um efeito profundamente nocivo sobre os usuários. Esse impacto negativo pode se manifestar em várias esferas da vida, desde a saúde mental até as relações interpessoais.

As mídias sociais, ao promoverem interações constantes e muitas vezes superficiais, criam um ambiente propício para comparações sociais e expectativas irreais, o que pode levar

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

a sentimentos de inadequação e baixa autoestima. Além disso, a pressão para manter uma imagem idealizada e a busca por validação por meio de "*likes*" e comentários podem resultar em ansiedade e estresse. Esse ciclo de interação pode, portanto, afetar a capacidade dos indivíduos de estabelecer conexões genuínas e significativas, essencialmente empobrecendo suas relações sociais (Souza (2019)).

Do ponto de vista emocional, a toxicidade associada ao uso das mídias sociais pode desencadear comportamentos prejudiciais, como o *cyberbullying*, que não apenas afeta diretamente as vítimas, mas também impacta os agressores e os espectadores. Esse fenômeno é especialmente preocupante no contexto escolar, no qual a adolescência é um período crítico de formação da identidade e do bem-estar emocional. A normalização de comportamentos agressivos nas plataformas digitais pode, então, se refletir nas interações dentro das escolas, criando um ambiente hostil e, muitas vezes, violento.

As reflexões apresentadas por Souza (2019) ecoam a discussão anterior sobre a toxicidade nas interações sociais, destacando que a toxicidade não se limita apenas a comportamentos ou atitudes, mas se estende a padrões de comunicação que podem causar danos significativos ao bem-estar emocional, psicológico e social dos indivíduos. Esses padrões tóxicos frequentemente se manifestam em diferentes contextos, especialmente nas mídias sociais, em que as palavras e ações podem ser amplificadas e disseminadas rapidamente. No ambiente digital, atitudes como o *bullying* virtual, a disseminação de rumores e a hostilidade nas interações podem criar um clima de medo e insegurança. Essa dinâmica não apenas prejudica as vítimas, mas também afeta a comunidade em geral, criando uma cultura de desconfiança e medo que pode se infiltrar em ambientes físicos, como as escolas.

O combate à toxicidade nas interações exige um esforço conjunto, incluindo a promoção de habilidades socioemocionais, que ajudem os jovens a desenvolver empatia e a habilidade de se comunicar de forma saudável. A educação emocional deve ser parte integrante do currículo escolar, visando não apenas a prevenção de comportamentos tóxicos, mas também a promoção de um ambiente escolar mais acolhedor e seguro.

Em suma, a análise de Souza (2019) ressalta a necessidade de reconhecer e abordar os padrões de comportamento tóxico, enfatizando que o impacto desses comportamentos é profundo e abrangente, afetando não apenas os indivíduos diretamente envolvidos, mas também a sociedade como um todo. Portanto, é essencial cultivar um ambiente onde a

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

comunicação seja guiada por princípios de respeito e compreensão, contribuindo para um convívio social mais harmonioso e positivo.

Com a crescente incorporação da tecnologia digital na vida cotidiana, surgem novos desafios sociais e comportamentais, incluindo a facilidade de acesso e o uso excessivo dessas tecnologias, o que pode resultar em dependência digital. Nesse contexto, os adolescentes se mostram particularmente vulneráveis às mudanças trazidas pelas tecnologias digitais, propiciando o surgimento de vícios e comportamentos prejudiciais. Um exemplo disso é o isolamento social, que prejudica a habilidade de se relacionar e interagir com os outros, dificultando a distinção entre a realidade e o mundo virtual (Silva, D., 2016; Souza T., 2017).

A dinâmica familiar também foi profundamente impactada por essas novas tecnologias. Anteriormente, a casa era um espaço de convivência e união, onde as pessoas se reuniam ao redor da mesa para dialogar e compartilhar experiências, mesmo em frente à televisão. No entanto, como apontam Dalmazo e Valente (2018) e Lopes (2018), a introdução das tecnologias digitais no ambiente familiar alterou essa realidade. As interações passaram a ser mediadas por dispositivos, resultando em uma redução do diálogo e da participação ativa nas conversas. Essa transformação é preocupante, pois a interação física foi substituída por um conforto que propicia o distanciamento emocional.

A adoção dessa atitude por parte dos jovens pode resultar em sérios problemas sociais, como o afastamento do convívio social, solidão e depressão. Segundo Silva, D. (2016), muitos adolescentes buscam preencher o vazio deixado pelo isolamento social através das redes sociais, que proporcionam a ilusão de que nunca estão sozinhos ou infelizes, uma vez que se conectam com amigos virtuais e compartilham informações. Autores como Mélo e Montardo (2019) corroboram essas observações, enfatizando o risco que essa dependência pode representar para a saúde mental de crianças, adolescentes e jovens.

De acordo com Eisenstein (2023), os dados que circulam nas plataformas digitais não são neutros; os interesses muitas vezes prevalecem sobre a privacidade. Os resultados da pesquisa *TIC KIDS ONLINE* - Brasil de 2021, realizada pelo Comitê Gestor da Internet, que abrangeu todas as cinco regiões do país e considerou diferentes classes socioeconômicas, revelaram que “93% das crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos têm acesso à Internet, 78% possuem telefone celular, e 81% vivem em lares com acesso a WiFi”. A referida pesquisa também destacou outros dados importantes sobre o uso da tecnologia por essa faixa etária, indicando tendências que merecem atenção e reflexão.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

O uso das redes sociais para comunicação é relatado por 78% dos entrevistados, que enviam mensagens instantâneas em redes sociais, enquanto 71% realizam pesquisas ou trabalhos escolares. Ainda, 38% postam textos, imagens ou vídeos de autoria própria na Internet, e 30% pesquisam informações sobre saúde. Além disso, 88% possuem perfis em redes sociais, sendo o *WhatsApp*, o *Instagram*, o *TikTok*, o *Facebook* e vídeos no *YouTube*, *TikTok* e *Kwai*, os mais utilizados (Eisenstein, 2023, p. 8).

O fato de 71% dos participantes realiza pesquisas ou trabalhos escolares online indica uma mudança significativa na forma como os jovens acessam e utilizam informações para fins educacionais. Essa dependência de recursos digitais pode trazer benefícios, como acesso a uma ampla gama de informações, mas também levanta preocupações sobre a qualidade e a veracidade dessas fontes, além de distanciar os indivíduos do convívio em grupo, o que pode causar atos de violência que se refletem na escola, pois muitas vezes, a relação virtual se sobrepõe à física, normalmente turmas de alunos têm grupos de *WhatsApp*, além de interagirem em outras plataformas digitais.

Nesse contexto, as interações virtuais são marcadas por um poder simbólico que muitas vezes passa despercebido, sendo mantido pela aceitação mútua dos participantes. Essa dinâmica gera complexas implicações, uma vez que as ideias, crenças e a propagação de informações podem se transformar em verdadeiros desafios tanto para a sociedade quanto para o ambiente escolar.

2.2 EDUCAÇÃO, VIOLÊNCIA E SOCIEDADE: a relação desses elementos no processo de socialização e formação ética dos indivíduos

A relação entre educação, violência e sociedade é um tema de grande relevância no contexto atual, refletindo tanto as dinâmicas sociais quanto as condições que influenciam a formação de indivíduos e comunidades. A violência, em suas diversas formas física, psicológica ou verbal afeta não apenas o bem-estar dos estudantes, mas também o ambiente escolar, interferindo diretamente no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2019), a violência escolar é um dos maiores desafios enfrentados pelas instituições educacionais ao redor do mundo. Esse problema exige o compromisso de todos, envolvendo não apenas as escolas, mas a sociedade como um todo, pois os indivíduos não

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

vivem de maneira isolada. Nesse sentido, existe uma conexão entre a violência presente na sociedade e aquela que se manifesta no ambiente escolar.

Na perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade, que entende o objeto particular como sempre mediado pela totalidade, a violência escolar é vista como uma expressão da violência social. Nesse contexto, a sociedade exerce uma influência direta sobre a formação do indivíduo, incluindo no processo de regressão do pensamento. Assim, compreender a relação entre indivíduo e sociedade é essencial. Horkheimer e Adorno (1978) destacam a importância de analisar a sociedade em seu movimento dialético, levando em conta suas condições objetivas e as relações entre os indivíduos que a compõem. Nesse sentido, os comportamentos, as interações, os conflitos e a estrutura organizacional da escola estão intimamente conectados ao que ocorre fora dela.

A compreensão contemporânea da sociedade, portanto, exige uma análise crítica que considere não apenas as relações de interdependência, mas também as estruturas de poder e os conflitos que emergem nas interações sociais. Essa perspectiva é fundamental para entender as dinâmicas que moldam as experiências individuais e coletivas na sociedade atual. Para Platão, a socialização fundamentava-se na divisão do trabalho, visando atender às necessidades materiais da comunidade. No entanto, conforme Horkheimer e Adorno (1978) destacam, Platão sustentava essa ideia com sua Teoria das Ideias, que introduzia um critério a priori para essa divisão.

Platão, em sua visão sobre a socialização, via a divisão do trabalho como um mecanismo necessário para atender às necessidades materiais da comunidade. Contudo, conforme Horkheimer e Adorno (1978) apontam, Platão defendia essa divisão a partir de sua Teoria das Ideias, que introduzia um critério a priori para a organização social. Nesse sentido, a maneira como a sociedade organiza e distribui as funções sociais influencia diretamente o processo de socialização e a construção da ética dos indivíduos. A violência, seja ela manifesta no ambiente escolar ou na sociedade como um todo, afeta essas relações, dificultando a formação de uma ética solidária e crítica, essencial para o convívio harmonioso e a construção de uma sociedade justa.

Conforme Horkheimer e Adorno (1978), entender o conceito de sociedade exige discutir as polaridades entre elementos institucionais e naturais. Para esses autores, a existência social dos seres humanos não é uma condição natural, mas uma realidade que se mantém apenas quando a convivência entre os indivíduos é mediada, objetivada e

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

institucionalizada. Eles enfatizam que, tanto em Hobbes quanto nos iluministas posteriores, a sobrevivência da sociedade está intrinsecamente ligada à razão, que fundamenta o direito natural e é essencial para legitimar o Estado.

Dessa forma, as instituições não têm valor intrínseco; surgem como uma forma de os seres humanos organizarem suas vidas e devem, como resultado do esforço humano, alcançar os objetivos para os quais foram criadas. Assim, as instituições têm uma finalidade prática, servindo como meios para um fim: a proteção dos interesses e da vida humana. Horkheimer e Adorno (1978, p. 25) definem sociedade como:

uma espécie de contextura formada entre todos os homens e na qual uns dependem dos outros, sem exceção; na qual o todo só pode subsistir em virtude da unidade das funções assumidas pelos coparticipantes, a cada um dos quais se atribui, em princípio, uma tarefa funcional; e onde todos os indivíduos, por seu turno, estão condicionados, em grande parte, pela sua participação no contexto geral.

Nesse sentido, a identidade e o comportamento de cada indivíduo são moldados pela sua posição e participação na sociedade. As experiências e as responsabilidades de um indivíduo são influenciadas pela dinâmica do todo social, evidenciando que a individualidade não pode ser dissociada do coletivo.

E o indivíduo como "(...) um ser que, certamente, se emancipa e afasta das simples relações naturais, que está desde o princípio referido à sociedade, de um modo específico, que, por isso mesmo, recolhe-se em seu próprio ser" (Horkheimer; Adorno, 1978, p. 53). A citação reflete uma visão sistêmica da sociedade, em que a interdependência, a divisão de funções e a participação ativa de cada indivíduo são necessárias para a coesão e a sustentabilidade da vida social. Essa perspectiva ressalta a importância da colaboração e da compreensão mútua para o funcionamento harmonioso da comunidade.

Para esses pensadores, a união de múltiplos indivíduos é essencial para formar um todo capaz de atender às necessidades fundamentais e vitais de cada um. Essa concepção já era defendida por filósofos como Hegel, que considerava a satisfação das necessidades individuais viável apenas por meio do trabalho conjunto e interdependente, onde as relações eram mantidas de forma recíproca. Essa ideia também ressoa nas reflexões de Marx (2013), que destaca a importância do trabalho cooperativo e da divisão social do trabalho como pilares do crescimento e do desenvolvimento das sociedades, assegurando, assim, a satisfação das necessidades de todos os indivíduos.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

Dentro dessa lógica, o indivíduo não pode ser compreendido de forma isolada, pois depende das interações com os outros para se afirmar como parte integrante da espécie humana. Seguindo esse raciocínio, a sociedade, por sua vez, não pode existir sem os indivíduos. Essa concepção de sociedade, entendida como uma construção coletiva dos seres humanos, nos leva à ideia de que não há sujeito sem objeto. O sujeito sempre se relaciona com algo externo a si e, mesmo em seu estado mais puro, sua identidade se forma em referência a elementos fora de si. Nesse contexto, a sociedade exerce uma influência determinante na formação do indivíduo, sendo essa relação recíproca fundamental para compreender as dinâmicas sociais.

No campo da educação, violência e sociedade, essa interdependência é ainda mais evidente. A socialização e a formação ética dos indivíduos estão diretamente ligadas à maneira como a sociedade organiza e distribui seus valores e normas. A educação, enquanto meio de transmissão de conhecimentos e valores, é profundamente afetada pelas condições sociais em que os indivíduos estão inseridos Gruschka (2014).

Para realizar uma nova análise sobre a relação entre indivíduo e sociedade, é essencial destacar que Marcuse (2015) argumenta que o homem unidimensional representa um sujeito que se conforma ao pensamento e comportamento predominantes, carecendo de uma dimensão crítica e de potenciais que superem a sociedade atual. Marcuse (2015, p. 21) apresenta o homem unidimensional como aquele que apresenta “conformidade ao pensamento e o comportamento existentes e ausência de uma dimensão crítica e de uma dimensão de potencialidades que transcendem a sociedade existente”.

No entendimento de Marcuse (2015, p. 24), “a liberdade e o bem-estar genuínos dependem da libertação do sistema inteiro de necessidades e satisfações unidimensionais e exigem novos modos de realização, que correspondam às novas capacidades da sociedade”. Considerando esse entendimento do autor, pode-se considerar o papel da educação no processo de libertação dos indivíduos em uma sociedade que, segundo ele, “é irracional como um todo” (Marcuse, 2015, p. 23).

2.3 O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NA PROJEÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

As redes sociais, ao se tornarem parte central da vida cotidiana, ampliaram a visibilidade e o alcance de diversas formas de interação social, incluindo a violência escolar.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

O ambiente digital possibilita que atos de *bullying*, discriminação e violência simbólica ocorram além dos limites físicos das escolas, projetando-se de maneira mais ampla e rápida. Plataformas como *Facebook*, *Instagram* e *TikTok*, por exemplo, permitem a exposição pública de agressões, que podem ser disseminadas com facilidade, gerando um impacto social e emocional significativo nos alunos envolvidos.

A sociedade é composta por uma diversidade de culturas, hábitos, crenças, opiniões, comportamentos, ideologias e valores. A interação entre os indivíduos se dá a partir dessa diversidade, e as mídias digitais amplificam esse processo, mas por meio de novos mecanismos surgidos no espaço virtual. Nesses ambientes digitais, observa-se uma constante exposição ao contato com o diferente, muitas vezes representado por indivíduos desconhecidos, intensificada pela rapidez com que as informações são disseminadas, alteradas e atualizadas (Martino, 2015; Frazão, 2018; Hans, 2018; Kaufman e Santaella, 2020).

Os autores destacam que novos recursos digitais surgem continuamente, com o objetivo de aprimorar o uso da internet, modificando e influenciando as relações entre os usuários, nem sempre essas relações são harmoniosas, muitas são caracterizadas pelo ódio e isso chega à escola, comprometendo muitas vezes a aprendizagem dos alunos, e isso ocorre em todos os lugares, e está presente na escola lócus dessa pesquisa que fica em município paraibano.

Conforme Volpato (2022), as redes sociais permitem que os usuários compartilhem interesses, fotos, vídeos e até criem comunidades temáticas. Eles podem visitar perfis e adicionar ou não essas comunidades à sua rede. O número de “amigos” e comunidades se torna um fator importante para o destaque do usuário dentro da plataforma, o que pode impactar seu comportamento e a maneira como utiliza essas ferramentas. Santos E. e Santos S. (2019) e Belloni (2018) também abordam essa questão, destacando os riscos associados a essa dinâmica.

Além disso, a imagem desempenha um papel central nessas plataformas, pois, ao preencher seu perfil, o usuário fornece uma foto pessoal que contribui para sua credibilidade entre os demais. Isso pode gerar uma autenticidade ilusória, desconsiderando o fenômeno das contas falsas (os chamados “*fakes*”), que são criadas para diversos fins, desde a busca por aceitação até a propagação de comportamentos nocivos, como a violência escolar (Rais, 2017; Santos, Casa Grande e Velozo, 2023).

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

De acordo com Recuero (2012, p.107), “essa visibilidade torna-se um valor, uma vez que permite que o nó construído na rede social esteja visível e, inclusive, possa amplificar os valores obtidos por meio das conexões”. Contudo, a autora ressalta que essa participação pode ser meramente superficial, com o intuito de criar uma identidade falsa que engane os outros sobre sua verdadeira afiliação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este artigo, é possível afirmar que a interconexão entre a violência escolar e a toxicidade das mídias sociais revela um ambiente nocivo que impacta profundamente a formação dos indivíduos. As redes sociais, ao amplificar discursos de ódio, intolerância e polarização, contribuem para a normalização de comportamentos hostis, que acabam se refletindo no contexto escolar. A exposição constante a conteúdos prejudiciais e violentos nessas plataformas estimula atitudes agressivas, como bullying e cyberbullying, e dificulta o processo de construção de um ambiente educacional saudável e respeitoso.

Dessa forma, o reflexo dessas interações digitais nas escolas cria um ciclo vicioso de violência, agravando a insegurança emocional e psicológica dos estudantes. A propagação de vídeos de agressões e manifestações de ódio, muitas vezes compartilhados para obter visibilidade, banaliza a violência e reforça estigmas prejudiciais, tornando cada vez mais difícil para educadores e para a sociedade promoverem a empatia, a colaboração e a convivência pacífica.

Portanto, as redes sociais, portanto, não só projetam a violência escolar para um público maior, mas também perpetuam comportamentos agressivos, impactando negativamente a convivência social dos jovens. Diante desse cenário, é essencial adotar estratégias de educação digital, conscientização e intervenção eficaz para mitigar os efeitos negativos das mídias sociais, promovendo uma educação voltada para o respeito mútuo e a formação ética dos indivíduos.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas CL. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018.

EISENSTEIN, Evelyn. Crianças, adolescentes e a era digital: benefícios e riscos. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, v. 11, n. 1, p. 7-14, 2023.

FRANCO, Ivani. Redes sociais e a EAD. In Fredric, M. e Formiga, M. (Orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2012.

FRAZÃO, Ana. Algoritmos e inteligência artificial. **Jota**, publicado em, v. 15, 2018.

GRUSCHKA, Andréas. **Frieza burguesa e educação: a frieza como mal-estar moral da cultura burguesa na educação**. Campinas, SP: Editores Associados, 2014.

HANS, Bruno. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.
HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. (org.). **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978.

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista Famecos**, v. 27, n. 1, p. e34074-e34074, 2020.

LOPES, Naiana. Fake news pelo WhatsApp é fenômeno sem precedentes no mundo, diz OEA. **UOL**, São Paulo, 25 de outubro de 2018. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/25/fake-news-pelo-whatsapp-e-fenomeno-sem-precedentes-no-mundo-diz-oea.htm> Acesso em: 12 fev. 2025.

MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. Tradução: Robespierre de Oliveira, Deborah Christiana Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MARTINO, Lúcia. **Teoria das mídias digitais**. Linguagens, ambientes e redes. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARX, Karl. O Capital. **Livro 1: O processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

RECUERO, Raquel Cristina. **Redes Sociais na Internet: considerações iniciais**, 2012. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-redes-sociais-na-internet.pdf. Acesso em: 13 fev. 2025.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA - REC

RECUERO.R.C. Corrida pela Identidade Virtual no Facebook. 2017. Disponível em: http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/corrída_pela_identidade_virtual_no_fa cebook.html. Acesso em: 11 fev. 2025.

SANTOS, Eduardo; SANTOS, Sara Xavier dos. Violências escolares e justiça restaurativa na escola básica estadual de São Paulo na visão dos professores – o papel do diálogo. **Revista Dialogia**. São Paulo, n. 32, p. 136-164, maio/ago. 2019.

SILVA, Rogério Ricardo. da. Currículo, conhecimento e transmissão cultura: contribuições para uma teorização pedagógica contemporânea. **Rev. Cad. de Pesquisa.**, v.46, n.159, p. 158-182, jan - mar. 2016.

SOUZA, Kátia Impacto do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 3, n. 3, p. 204- 217, set. dez, 2019.

SOUZA, Tales. Ribeiro. de. Análise sobre as novas formas de controle no Estudo da Ideologia da Sociedade Industrial de Herbert Marcuse. **Paraná: Diaphonia**, v. 3, n. 2, p. 116-130, 2017.

UNESCO. **Relatório Mundial sobre a Violência nas Escolas**. Paris: UNESCO, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Luiz Augusto Mugnai Vieira; PELÚCIO, Larissa. Memes, fake news e pós-verdade ou como a teoria de gênero vira uma “ideologia perigosa”. **Estudos de Sociologia**, v. 25, n. 48, 2020.

VOLPATO, Bruno. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2022, com insights e materiais. **Resultados digitais**, v. 23, 2022.